



CETICISMO E EMPIRISMO EM DAVID HUME.¹

Fernando Henrique Faustini Zarth². UNIJUÍ

Para o filósofo David Hume, faz-se necessário distinguir dois tipos de objetos de investigação humana, sendo eles as relações de idéias e as questões de fato. No primeiro grupo, residem as ciências da geometria, álgebra e aritmética, que se fundamentam unicamente em operações da mente e se constituem de raciocínios a priori. Trata-se de ciências em que os resultados são obtidos através da coerência lógica existente em suas formulações: se $A = B$ é verdadeiro $\sim A = B$ resulta em necessária contradição. Já o segundo grupo – as questões de fato – relaciona-se com toda realidade experienciável. Estão ligados a fatos e não a operações da razão a maioria dos entendimentos do cotidiano humano, tornando-os de outra natureza, na qual não é possível contradição ou falsidade demonstrável. E é colocando em dúvida mesmo o mais comum dos fenômenos, como o nascer do sol, que Hume demonstra que nossas certezas sobre os fatos não possuem um fundamento lógico: negar que o sol vai nascer amanhã seria tão plausível quanto afirmar o contrário. Trata-se sobretudo de um problema levantado através de dúvidas céticas para possibilitar a distinção da natureza das diferentes formas de os homens construírem conhecimento. Os raciocínios referentes às questões de fato, diferente das relações de idéias, parecem fundar-se na relação de causa e efeito. Desse modo, tais formas de pensamento se desenvolvem quando temos a experiência de que alguns objetos particulares encontram-se constantemente conjugados uns aos outros. Fogo e calor é um exemplo de particulares conjugados, através da experiência notamos essa dupla presença e logo inferimos uma relação de causa. O que torna algumas operações da mente racionais é apenas o hábito, ou seja, estamos de tal modo acostumados a repetir algumas experiências que certos fenômenos tornam-se óbvios demais para reconhecermos seu fundamento, e o simples hábito ganha peso de razão para a humanidade gerir seu cotidiano, mesmo que um objeto, por si só, nunca nos informe sobre os seus efeitos. Essa idéia mental de causa-efeito que o hábito conduz o homem a fazer tem ainda sua importância admitida por Hume, pois essa seria a própria utilidade da experiência: faz-nos esperar, futuramente, uma cadeia de acontecimentos semelhante às do passado. Para além de nossos sentidos, é o hábito que garante que não permaneçamos ignorantes sobre as questões de fato. Essas operações seriam para Hume como instintos naturais que não podem ser imitados por nenhuma forma de raciocínio ou processo racional de entendimento, sendo talvez ainda, psicologicamente inevitável. Plínio Junqueira Smith, em sua tese sobre Hume, afirma que o ceticismo desse filósofo não busca rejeitar a causalidade a ponto de afirmar a sua total ausência na realidade, na verdade, esse problema não pode nem ser colocado em questão. Como vimos, as impressões compõem todo o universo que construímos a partir de nossas experiências, todo conhecimento adquirido pelas questões de fato possuem origem, mesmo que muito distante, em algum momento que esteja gravado em nossa memória. As idéias compõem os raciocínios que independem da experiência, tal é a estima dada às ciências matemáticas. Entre todas essas percepções, Hume nos dirá que existem percepções fortes e percepções fracas, atribuindo a elas uma diferença de grau, não de natureza. Para além disso, qualquer idéia simples possui alguma relação em algum momento com uma impressão simples, ou seja, mesmo as idéias seriam impossíveis sem as impressões.



Desse modo, a teoria de Hume seria considerada mentalista por não buscar traduzir a verdade da realidade, mas somente o processo de entendimento do homem.

¹ Subprojeto de pesquisa realizado como bolsista PIBIC/CNPq no curso de Filosofia.

² Aluno de Curso de Filosofia da Unijuí, bolsista PIBIC/CNPq 2008/2009.